

O CONFLITO DE ALTO ALEGRE E A REPERCUSSÃO NA EDUCAÇÃO INDÍGENA DE BARRA DO CORDA/MA

THE ALTO ALEGRE CONFLICT AND ITS REPERCUSSION ON INDIGENOUS EDUCATION IN BARRA DO CORDA/MA

EL CONFLICTO DE ALTO ALEGRE Y SU REPERCUSIÓN EN LA EDUCACIÓN INDÍGENA EN BARRA DO CORDA/MA

Juscelino Gomes Lima¹

Nely Sobrinho Silva²

RESUMO: Este artigo analisa como o legado do Massacre de Alto Alegre, ocorrido em 1901, influencia as relações entre brancos e indígenas em Barra do Corda, Maranhão, com ênfase no campo educacional. Contextualiza-se o massacre como um marco de conflitos territoriais e culturais, cujas narrativas históricas ainda perpetuam estigmas e desigualdades sociais. O objetivo foi compreender de que forma essas memórias impactam a educação indígena e as dinâmicas interculturais na região. A metodologia adotada inclui revisão bibliográfica e análise documental, utilizando obras de referência sobre o massacre, estudos antropológicos e políticas públicas de educação indígena. Os resultados apontam para a predominância de uma narrativa histórica construída a partir de visões eurocêntricas, a ausência de materiais didáticos que contemplam a perspectiva indígena e a precariedade na implementação de políticas educacionais voltadas para as especificidades culturais e linguísticas dos povos originários. Nesse contexto, o Massacre de Alto Alegre continua a ser uma referência histórica que reforça estigmas sociais, mas também apresenta uma oportunidade para ressignificar as relações por meio de uma educação intercultural inclusiva. A valorização das narrativas indígenas, o fortalecimento de políticas públicas e a criação de materiais pedagógicos adaptados são medidas essenciais para enfrentar os desafios identificados e promover uma sociedade mais igualitária.

1362

Palavras-chave: Massacre de Alto Alegre. Educação Indígena. Interculturalidade. Políticas Públicas.

ABSTRACT: This article analyzes how the legacy of the Alto Alegre Massacre, which occurred in 1901, influences relations between whites and indigenous people in Barra do Corda, Maranhão, with an emphasis on the educational field. The massacre is contextualized as a landmark of territorial and cultural conflicts, whose historical narratives still perpetuate stigmas and social inequalities. The objective was to understand how these memories impact indigenous education and intercultural dynamics in the region. The methodology adopted includes a bibliographic review and documentary analysis, using reference works on the massacre, anthropological studies and public policies on indigenous education. The results point to the predominance of a historical narrative constructed from Eurocentric views, the absence of teaching materials that contemplate the indigenous perspective and the precariousness in the implementation of educational policies aimed at the cultural and linguistic specificities of native peoples. In this context, the Alto Alegre Massacre continues to be a historical reference that reinforces social stigmas, but also presents an opportunity to redefine relationships through inclusive intercultural education. The valorization of indigenous narratives, the strengthening of public policies and the creation of adapted pedagogical materials are essential measures to face the identified challenges and promote a more egalitarian society.

Keywords: Alto Alegre Massacre. Indigenous Education. Interculturality. Public Policies.

¹Pós-Doutor em Geografia. Doutor em Desenvolvimento Regional. Professor do Programa em Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT) do Instituto Federal de Educação do Piauí - IFPI.

²Mestra em Educação Profissional e Tecnológica. Professora da Universidade Estadual do Maranhão.

RESUMEN: Este artículo analiza cómo el legado de la Masacre de Alto Alegre, ocurrida en 1901, influye en las relaciones entre blancos e indígenas en Barra do Corda, Maranhão, con énfasis en el campo educativo. La masacre se contextualiza como un hito de conflictos territoriales y culturales, cuyas narrativas históricas aún perpetúan estigmas y desigualdades sociales. El objetivo fue comprender cómo estas memorias impactan la educación indígena y las dinámicas interculturales en la región. La metodología adoptada incluyó una revisión bibliográfica y análisis documental, utilizando obras de referencia sobre la masacre, estudios antropológicos y políticas públicas sobre educación indígena. Los resultados apuntan al predominio de una narrativa histórica construida desde visiones eurocéntricas, la ausencia de materiales de enseñanza que contemplen la perspectiva indígena y la precariedad en la implementación de políticas educativas orientadas a las especificidades culturales y lingüísticas de los pueblos originarios. En este contexto, la Masacre de Alto Alegre sigue siendo una referencia histórica que refuerza los estigmas sociales, pero también presenta una oportunidad para redefinir las relaciones a través de la educación intercultural inclusiva. La valorización de las narrativas indígenas, el fortalecimiento de políticas públicas y la creación de materiales didácticos adaptados son medidas esenciales para enfrentar los desafíos identificados y promover una sociedad más igualitaria.

Palabras clave: Masacre de Alto Alegre. Educación indígena. Interculturalidad. Políticas públicas.

INTRODUÇÃO

O Massacre de Alto Alegre, ocorrido em 13 de março de 1901, foi um evento trágico que marcou profundamente as relações entre indígenas e não indígenas na região de Barra do Corda, Maranhão. A Colônia de São José da Providência, estabelecida pelos missionários capuchinhos italianos, tinha como objetivo catequizar e "civilizar" os povos indígenas locais, especialmente os Tentehar. No entanto, a imposição de novos valores e a interferência nas tradições culturais geraram tensões que culminaram em um violento confronto, resultando na morte de missionários e colonos. Monza FB (2016).

1363

Frei Bartolomeu de Monza, um dos missionários capuchinhos envolvidos na missão, documentou detalhadamente os eventos que antecederam e sucederam o massacre em sua obra "O Massacre de Alto Alegre". Seu relato oferece uma perspectiva valiosa sobre as motivações dos indígenas e as circunstâncias que levaram ao conflito, destacando a resistência dos Tentehar frente às tentativas de assimilação cultural impostas pelos missionários. Monza FB (2016).

As consequências do massacre repercutiram profundamente na sociedade não indígena de Barra do Corda, fomentando sentimentos de desconfiança e hostilidade em relação às comunidades indígenas. Essa desconfiança histórica influenciou as políticas locais e as interações sociais, criando barreiras significativas para a integração e cooperação entre os diferentes grupos étnicos da região. LOPES RCS (2019).

No contexto educacional, essas tensões históricas refletem-se na precariedade da educação indígena em Barra do Corda. Embora existam instituições destinadas ao ensino indígena, como a Unidade Integrada de Educação Escolar Indígena Thaynar da Silva Pompeu, localizada na Aldeia Altamira, muitos desafios persistem em muitas escolas em diferentes aldeias da região. A falta de infraestrutura adequada, recursos didáticos insuficientes e a carência de profissionais capacitados para lidar com as especificidades culturais dos alunos indígenas são obstáculos que comprometem a qualidade do ensino oferecido. Quedu DE (2025).

A perpetuação de estigmas históricos dificulta a implementação de políticas educacionais inclusivas e culturalmente sensíveis. A desconfiança mútua entre comunidades indígenas e não indígenas impede o desenvolvimento de iniciativas colaborativas que poderiam promover uma educação mais equitativa e respeitosa das tradições culturais dos povos originários. Essa realidade evidencia a necessidade de um esforço conjunto para superar preconceitos e construir pontes de entendimento mútuo.

Em face destas considerações inciais, este artigo busca analisar como o legado do Massacre de Alto Alegre continua a influenciar as relações entre brancos e indígenas em Barra do Corda, com ênfase particular no campo educacional.

1364

O MASSACRE DE ALTO ALEGRE: CONTEXTO HISTÓRICO E REPERCUSSÕES IMEDIATAS

A Colônia de São José da Providência, também chamada de Colônia de Alto Alegre, foi fundada no final do século XIX pelos missionários capuchinhos italianos no estado do Maranhão. Localizada entre os atuais municípios de Barra do Corda e Grajaú, essa iniciativa visava a catequização dos povos indígenas da região, especialmente os *Tentehar*, também conhecidos como Guajajara. Guedelha MS (1977).

Geograficamente, Alto alegre estava localizado onde atualmente é a aldeia *Crioli*, dos Guajajara, distante aproximadamente 60 quilômetros de Barra do Corda, um local rico em biodiversidade, com terrenos variados e recursos naturais abundantes. Esse ambiente favorecia tanto a agricultura quanto a subsistência das comunidades indígenas que habitavam a região. Martins L (2019).

A localização da colônia, a cerca de 60 km de Barra do Corda, facilitava a interação entre os missionários e as populações locais, além de possibilitar a logística de apoio e o fornecimento de recursos provenientes de centros urbanos próximos. Essa proximidade, no entanto, também intensificou os conflitos entre indígenas e colonos ao longo dos anos. Coelho EMB (2002).

O objetivo principal da colônia era a "civilização" dos povos indígenas por meio da educação religiosa e da introdução de práticas agrícolas ocidentais. Contudo, a imposição de novos hábitos e a restrição das liberdades culturais dos *Tentehar* geraram tensões crescentes. Esses conflitos atingiram seu ápice no Massacre de Alto Alegre, ocorrido em 1901, quando os indígenas, liderados por *Kawiré Imàn* (também chamado de João Caboré), reagiram violentamente contra as pressões culturais e territoriais. Guedelha MS (1977).

Esse massacre foi um marco histórico que evidenciou as tensões entre os missionários e os povos originários, destacando os desafios enfrentados na tentativa de conciliar interesses coloniais e indígenas. O episódio deixou marcas profundas nas relações sociais da região, perpetuando desconfianças entre brancos e indígenas que ainda persistem em áreas como Barra do Corda. Martins L (2019).

Atualmente, as ruínas da colônia servem como testemunho das dinâmicas históricas e culturais que moldaram a região, conforme podemos observar nas figuras 1 e 2, a seguir.

Figura 1: Ruínas da Igreja de Alto Alegre



1365

Fonte: João Cancio, indigenista da Funai (2021).

Os espaços em amostragem foram palco do Massacre de Alto Alegre, ocorrido em 1901, foi um marco na história das relações entre indígenas e não indígenas no Maranhão. A rebelião indígena foi uma resposta às imposições culturais e à perda de liberdade imposta pelos

missionários capuchinhos italianos, responsáveis pela catequização e pela organização da colônia. Esse episódio evidenciou as tensões resultantes da tentativa de impor modos de vida europeus sobre uma população profundamente conectada a suas tradições e territórios. Guedelha MS (1977).

Figura 2: A. Ruínas da antiga Igreja; B. Parte da Coluna da Escola; C. Parte da Fachada do convento.



1366

Fonte: Jornal Turma da Barra (2013)

A região da Colônia de Alto Alegre era estratégica para a catequização, mas também para a consolidação territorial. A exploração agrícola, conduzida sob supervisão missionária, visava transformar os indígenas em trabalhadores sedentários e “civilizados”, desconsiderando seus modos de vida tradicionais. Essa transformação abrupta, aliada às restrições à liberdade cultural, gerou insatisfação crescente entre os Tenetehara. A revolta culminou em um ataque à missão, que resultou na morte de missionários e colonos, sendo amplamente noticiado à época como um ato de extrema violência, mas comumente silenciando os motivos e as opressões vividas pelos indígenas. Gomes MP (2002).

A repercussão do massacre foi imediata e gerou grande comoção entre a população não indígena da região, especialmente em Barra do Corda. Muitos habitantes viram no episódio uma ameaça direta à segurança e estabilidade locais. Narrativas disseminadas na época reforçaram uma visão de que os indígenas eram inimigos e representavam um perigo à colonização. Essa perspectiva contribuiu para perpetuar a desconfiança entre as populações indígena e não indígena, marcando profundamente as relações sociais e culturais da região nos anos seguintes. Gomes MP (2002).

A resposta ao massacre incluiu operações militares organizadas pelas autoridades estaduais, com o objetivo de punir os envolvidos e reprimir qualquer tentativa de resistência. Essas expedições, muitas vezes violentas, intensificaram o sofrimento dos Tenetehara, levando a mortes, deslocamentos forçados e um maior controle sobre suas comunidades. Além disso, reforçaram a imagem do indígena como inimigo do progresso, dificultando iniciativas de integração social e política na região. Cruz OM (1982).

Esse episódio também teve impactos duradouros na memória coletiva local. Em Barra do Corda, o massacre é frequentemente lembrado como um evento trágico e violento, mas geralmente a partir da perspectiva dos colonos e missionários. Pouco se fala sobre os fatores que levaram à revolta indígena ou sobre o papel das políticas de catequização na geração de conflitos. Assim, as memórias indígenas e suas narrativas sobre o episódio permanecem marginalizadas, dificultando a compreensão plena do massacre e de suas implicações. Martins L (2019). 1367

O massacre e suas consequências afetaram profundamente as relações entre os povos indígenas e os não indígenas da região, especialmente no que diz respeito à educação. Até os dias atuais, as comunidades indígenas enfrentam desafios relacionados à precariedade da educação em suas aldeias, um reflexo das dificuldades históricas de integração cultural e respeito às suas tradições. O distanciamento entre os dois grupos, que começou a se aprofundar após o massacre, ainda influencia negativamente a forma como as políticas públicas são implementadas na região. Sousa DB e Pereira JJ (2023).

A perpetuação de desconfiança entre as populações reflete-se em práticas sociais e políticas que dificultam o diálogo intercultural. Por outro lado, alguns esforços recentes têm buscado reconhecer o papel histórico dos Tenetehara na formação da identidade regional. Essas iniciativas tentam resgatar a memória indígena e promover uma maior valorização das culturas locais, embora enfrentem resistência por parte de setores que ainda sustentam narrativas hegemônicas. GOMES MP (2002).

Portanto, compreender o Massacre de Alto Alegre exige uma análise que vá além das narrativas coloniais tradicionais, incorporando as vozes indígenas e suas experiências. Isso permite não apenas uma visão mais equilibrada sobre os eventos de 1901, mas também a construção de caminhos para uma convivência mais harmônica entre indígenas e não indígenas, especialmente em áreas sensíveis como a educação e a preservação cultural. Coelho EMB (2002).

DESCONFIANÇA E ESTIGMATIZAÇÃO DOS INDÍGENAS EM BARRA DO CORDA/MA

A desconfiança em relação aos indígenas em Barra do Corda tem raízes históricas profundas, intensificadas pelo Massacre de Alto Alegre em 1901. Esse evento foi resultado de tensões acumuladas entre os missionários capuchinhos e os indígenas Tenetehara, que resistiam à imposição de modos de vida alheios às suas tradições. A narrativa predominante à época retratou os indígenas como violentos e imprevisíveis, ignorando as pressões culturais e territoriais que levaram à revolta. Esse estigma persiste até hoje, dificultando uma convivência harmoniosa entre indígenas e não indígenas na região. Guedelha MS (1977).

A perspectiva de alteridade dos Tenetehara, conforme analisada por Martins, contribui para compreender as razões da desconfiança. Os indígenas foram historicamente vistos como "outros", distintos e incompatíveis com os ideais de progresso e civilização impostos pelos colonizadores. Essa construção social reforçou a ideia de que eles representavam uma ameaça à estabilidade das populações não indígenas. A partir disso, as comunidades indígenas enfrentaram maior exclusão social, alimentando narrativas negativas sobre seu papel no desenvolvimento regional. MARTINS L (2019).

1368

As disputas por terras entre indígenas e não indígenas no Maranhão acentuaram esse processo de estigmatização. Conforme Coelho destaca, a expansão das atividades econômicas e a ocupação territorial não respeitaram os direitos indígenas, gerando conflitos que muitas vezes eram usados como justificativa para a desconfiança. Em Barra do Corda, a luta pela posse da terra foi marcada por episódios de violência e repressão, que reforçaram a percepção de que os indígenas eram adversários do progresso e não vítimas de um processo histórico de expropriação. Coelho EMB (2002).

A liderança de Kawiré Imàn durante o Massacre de Alto Alegre é um exemplo emblemático de resistência indígena, mas também de como essa resistência foi interpretada como ameaça. Cruz descreve o cacique como símbolo da luta por liberdade e dignidade, mas ressalta que sua figura foi demonizada pelas narrativas coloniais. A partir de sua atuação,

consolidou-se uma visão de que qualquer ação indígena que contrariasse os interesses coloniais era um ato de rebeldia, alimentando o estigma contra essas comunidades. Cruz OM (1982).

O impacto dessas narrativas estigmatizantes não se limitou ao passado. Sousa e Pereira argumentam que a memória coletiva em Barra do Corda mantém vivos os episódios de conflito, mas quase sempre a partir da perspectiva dos não indígenas. Esse viés reforça a ideia de que os indígenas são os "culpados" pelos conflitos históricos, enquanto suas reivindicações legítimas são desconsideradas. A ausência de uma revisão crítica dessas memórias perpetua estereótipos e dificulta a construção de relações mais equilibradas na região. Gomes MP (2002).

O papel dos *Tenetehara* na história do Maranhão, conforme Gomes, é frequentemente desvalorizado. A contribuição indígena para a formação cultural e social da região é obscurecida pelas narrativas que os apresentam como um povo problemático e avesso à modernidade. Esse apagamento reforça o distanciamento entre indígenas e não indígenas, contribuindo para a manutenção da desconfiança mútua e para a perpetuação do preconceito no imaginário popular. Gomes MP (2002).

A estigmatização também é alimentada pela falta de políticas públicas efetivas que valorizem e protejam os direitos dos indígenas. A precariedade das condições de vida nas aldeias e a exclusão dos indígenas dos espaços de decisão reforçam a ideia de que são incapazes de se integrar à sociedade não indígena. Essa visão, historicamente construída, continua a moldar as relações sociais em Barra do Corda, prejudicando tanto os indígenas quanto o desenvolvimento da região como um todo. Coelho EMB (2002).

Portanto, a superação da desconfiança em relação aos indígenas em Barra do Corda exige a valorização de suas contribuições e a inclusão de suas vozes nas narrativas históricas. Além disso, é necessário implementar políticas públicas que promovam a convivência intercultural e que reconheçam os direitos dos povos indígenas. Apenas assim será possível romper com os estigmas históricos e construir um futuro de maior harmonia e respeito mútuo na região. Martins L (2019).

1369

EDUCAÇÃO INDIGENA EM BARRA DO CORDA/MA DESAFIOS E PERSPECTIVAS

De acordo com dados da QEDU (2025), o município de Barra do Corda, localizado no Maranhão, conta com uma rede significativa de escolas indígenas, que atendem às diversas comunidades locais. Ao todo, são pelo menos 23 escolas indígenas espalhadas pelas aldeias da região, como as Aldeias Canabrava, Coquinho, Rodeador, entre outras. Além dessas unidades,

também há a oferta de Educação Indígena na zona urbana, em bairros com maior concentração de populações indígenas, como o Bairro Tamarindo. Neste bairro, muitas famílias indígenas residem e, por sua proximidade com as aldeias, acabam frequentando as escolas municipais, acessando a educação oferecida no ambiente urbano enquanto mantém sua conexão com as áreas rurais vizinhas.

A educação indígena em Barra do Corda enfrenta uma série de desafios que dificultam o pleno acesso e a qualidade do ensino. Entre as principais dificuldades está o transporte escolar, que se revela um obstáculo significativo para os alunos que residem em áreas de difícil acesso. A falta de transporte adequado compromete a frequência escolar e a continuidade do aprendizado, afetando diretamente as comunidades indígenas que, muitas vezes, estão localizadas em regiões remotas. Segundo Furtado ML, et al. (2024), a infraestrutura de transporte nas zonas rurais e indígenas do Maranhão é insuficiente para garantir que os estudantes cheguem com segurança e pontualidade às escolas, prejudicando o desenvolvimento educacional.

Outro desafio relevante é a formação e o treinamento adequado dos professores que atuam nas escolas indígenas. Esses profissionais precisam não apenas de uma preparação técnica sólida, mas também de um conhecimento profundo das especificidades culturais e linguísticas dos povos indígenas. De acordo com Silva FB (2024), a formação continuada para os professores é essencial para o sucesso da educação escolar indígena, uma vez que muitos deles enfrentam a lacuna de uma formação específica para atuar nesse contexto, o que compromete a qualidade do ensino nas aldeias.

1370

O bilinguismo é uma questão crucial nas escolas indígenas de Barra do Corda, já que os alunos falam suas línguas maternas e, em muitos casos, têm o português como segunda língua. Silva FB (2024) destaca que o ensino bilíngue nas escolas indígenas é um desafio pedagógico que exige a adaptação dos currículos e a capacitação dos professores para trabalhar com as duas línguas de forma integrada. A falta de recursos pedagógicos adequados para o ensino bilíngue, como materiais didáticos em línguas indígenas, agrava essa situação e impede um ensino mais efetivo.

Além disso, a carência de materiais didáticos adaptados à realidade indígena é uma questão persistente em Barra do Corda. A maioria dos materiais disponíveis nas escolas não considera as particularidades culturais e linguísticas dos alunos indígenas, o que dificulta o aprendizado. Furtado ML, et al. (2024) aponta que a produção de materiais pedagógicos

específicos e contextualizados para as populações indígenas é fundamental para promover uma educação de qualidade, respeitando suas tradições e modos de vida.

A precariedade na estrutura das escolas indígenas também é um fator que compromete o aprendizado. Muitas das escolas nas aldeias de Barra do Corda não possuem infraestrutura adequada, o que torna o ambiente escolar inadequado para o desenvolvimento das atividades pedagógicas. Silva FB (2024) enfatiza que a melhoria da infraestrutura escolar, incluindo espaços adequados para o ensino e acesso à tecnologia, é urgente para garantir que os alunos indígenas tenham condições dignas de estudar e aprender.

Os alunos indígenas que estudam na zona urbana de Barra do Corda enfrentam uma realidade distinta das comunidades localizadas em áreas rurais ou nas aldeias. Muitos frequentam escolas periféricas, onde as condições de ensino são precárias e as questões relacionadas à diversidade cultural e linguística são frequentemente negligenciadas.

O currículo escolar, em sua maioria, não contempla as particularidades dos povos indígenas, o que dificulta a inserção desses alunos no processo educacional. De acordo com Souza AE e Cantanhêde LF (2024), a falta de um currículo contextualizado e de materiais didáticos adaptados às realidades culturais e linguísticas dos alunos indígenas contribui para a marginalização dessas crianças e jovens dentro do sistema de ensino urbano.

1371

Além das barreiras pedagógicas, os alunos indígenas na zona urbana enfrentam o preconceito e a discriminação por parte de colegas e até mesmo de professores. O estigma associado à identidade indígena, impulsorado pela história de conflitos e desrespeito às culturas originárias, reflete-se no ambiente escolar. Segundo Furtado ML, et al. (2024), esse preconceito é exacerbado pela invisibilidade das questões indígenas na sociedade urbana, o que leva a um distanciamento cultural e ao desdém por parte de outros estudantes. A falta de reconhecimento e respeito pela diversidade cultural indígena torna-se uma barreira adicional para esses alunos, que muitas vezes se sentem marginalizados e excluídos.

Esse contexto de exclusão e discriminação tem impactos negativos no desempenho acadêmico e no bem-estar dos alunos indígenas. O ambiente escolar, longe de ser inclusivo, muitas vezes reforça a visão de que a cultura indígena é algo inferior ou estranho. Silva FB (2024) aponta que esse tipo de tratamento prejudica a autoestima e a motivação dos estudantes, dificultando sua adaptação e sucesso escolar. A persistência do preconceito e a falta de valorização da identidade indígena nas escolas urbanas de Barra do Corda exigem uma reflexão

urgente sobre as práticas educacionais e a promoção de um ensino mais inclusivo, que respeite e valorize a diversidade cultural presente nas salas de aula.

REPRESENTAÇÕES DO CONFLITO E DUALIDADE NAS NARRATIVAS

A história dos povos indígenas continua sendo majoritariamente narrada pelos *karaiw* (termo que significa “não indígenas”), como evidenciado pela pesquisa de Lima e Sousa (2023). Um exemplo é o relato de uma professora bilíngue da região indígena Morro Branco, em Grajaú-MA, que precisou recorrer aos anciões de sua comunidade para narrar a história sob a perspectiva dos povos originários. Essa predominância de narrativas externas molda a percepção da sociedade sobre os indígenas, muitas vezes perpetuando estereótipos e ignorando a riqueza de suas culturas e a complexidade de seus desafios. A exclusão de suas vozes em relatos históricos e educacionais contribui para uma compreensão limitada de sua história e realidade contemporânea.

O Plano Municipal de Educação de Barra do Corda (2015) apresentou diretrizes que visam incluir os indígenas nos processos educativos de forma respeitosa e participativa. Entre as metas, destaca-se a garantia de uma Educação Infantil e Ensino Fundamental voltados às especificidades culturais, com a implantação de Diretrizes e Parâmetros Curriculares para a Educação Indígena. Também são mencionados programas de apoio ao desenvolvimento da educação indígena, incluindo condições físicas, materiais e humanas adequadas, além de sistemas de fiscalização para assegurar a correta aplicação dos recursos destinados à área.

Apesar disso, conforme Lima e Silva (2024), os avanços têm sido limitados, e problemas estruturais persistem, desde a formação docente até a infraestrutura das escolas, reforçando a necessidade de ações emergenciais.

Um dos aspectos mais sensíveis da educação indígena é a ausência de materiais que abordem episódios históricos relevantes sob a ótica dos próprios indígenas, como o conflito de Alto Alegre. Essa lacuna reflete a dificuldade de incorporar na educação oficial perspectivas que rompam com narrativas hegemônicas. Ainda assim, iniciativas como a do Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Maranhão (IFMA), no Campus Barra do Corda, têm buscado preencher essa lacuna. Desde sua criação em 2011, o IFMA vem desenvolvendo materiais didáticos e promovendo pesquisas sobre educação e cultura indígena. Um exemplo notável é o projeto "Alto Alegre em Conflito", que propõe a criação de um *Role-playing game* (RPG) para

contar a história do massacre de Alto Alegre, permitindo uma abordagem inovadora e mais inclusiva dessa memória.

A percepção dos próprios indígenas sobre a ausência de registros adequados e narrativas que refletem sua visão é marcada por frustração e pela sensação de invisibilidade histórica. Documentários como “*O Massacre do Alto Alegre*”, dirigido por Murilo Santos em 2005 e disponível no YouTube, oferecem uma importante contribuição ao dar visibilidade aos eventos do massacre. No entanto, apresenta também uma visão deturpada do ocorrido, apresentando somente a visão dos não indígenas e colocando os índios mais uma vez na posição de selvagens.

É valido salientar que este documentário é muito utilizado como recurso didático nas aulas de história, principalmente por ser uma das poucas representações audiovisuais sobre o tema, contudo contribui com a perpetuação deturpada dos verdadeiros motivos que levaram ao conflito.

Dentre as principais representações do conflito que permeiam o ideal da população de Barra do Corda sobre o conflito, está localizada na faixada da Igreja Matriz, Paróquia Santa Cruz, (figura 3), cujo é possível observar a foto de pessoas, em maioria padres e freiras, que foram mortos no conflito.

Apesar de seu valor cultural, arquitetônico e simbólico para os Barra-cordenses, é 1373 evidente que as representações dos mártires em sua faixada reforçam o ideal de que os povos indígenas envolvidos no conflito são bárbaros não civilizados, enquanto inocenta os colonos de suas ações.

A dualidade de opiniões sobre o conflito de Alto Alegre reflete o embate entre narrativas históricas distintas que coexistem em Barra do Corda. Por um lado, a fachada da Igreja Matriz, Paróquia Santa Cruz, com imagens de padres e freiras mortos no conflito, simboliza uma memória coletiva que enaltece os missionários como mártires e vítimas de um episódio violento.

Essa representação reforça uma visão histórica que frequentemente caracteriza os povos indígenas como bárbaros e não civilizados, perpetuando estereótipos que desconsideram o contexto de resistência e defesa territorial dos indígenas. Essa leitura, fortemente influenciada por narrativas coloniais, coloca os colonos como inocentes, ignorando as violências e desrespeitos cometidos contra os povos originários.

Por outro lado, há uma crescente valorização das perspectivas indígenas, que interpretam o conflito como uma resposta legítima à imposição cultural, religiosa e territorial. Essa visão

busca desconstruir o estigma de barbarismo atribuído aos indígenas e apresentar suas ações como parte de uma luta pela sobrevivência e pela preservação de suas tradições e territórios. Os povos indígenas veem esses episódios como marcos de resistência e resistência à opressão, destacando a necessidade de uma narrativa mais equilibrada e inclusiva.

Essa dualidade evidencia não apenas a disputa pela memória histórica, mas também os desafios de construir um entendimento coletivo que reconheça tanto o sofrimento dos missionários quanto o contexto de opressão enfrentado pelos indígenas. Promover espaços de diálogo, desenvolver materiais didáticos que contemplam múltiplas perspectivas e incentivar a participação ativa dos povos indígenas na construção dessas narrativas são passos cruciais para superar essa dicotomia e avançar em direção a uma memória histórica mais justa e abrangente.

Uma das mais famosas, se não a mais conhecida obra literária do autor barra-cordense Olímpio Cruz, “Cauiré Imana: o cacique rebelde” de 1982, que apesar de classificado como romance versa sobre como deu-se o conflito e apesar de sua relevância, é utilizado comumente como fontes de pesquisa apenas por pesquisadores. Portanto, ao verificar as principais descrições que se propõem a contar as nuances do conflito de Alto Alegre, nota-se que estas ainda estão voltadas principalmente a visão eurocêntrica dos não indígenas, sendo reforçado por grande parte dos estereótipos vinculados aos povos originários.

1374

REFLEXÃO SOBRE COMO O MASSACRE E SUA MEMÓRIA AINDA INFLUENCIAM A EDUCAÇÃO INDÍGENA

A memória do Massacre do Alto Alegre, ocorrido em 1901, continua a influenciar a educação indígena, sobretudo no que se refere à perpetuação de narrativas coloniais e à invisibilização da perspectiva indígena. Maders S e Barcelos V (2020) destacam que a educação escolar indígena precisa ser um espaço de diálogo intercultural, que reconheça as histórias de resistência e as vozes dos povos originários. No entanto, a predominância de materiais didáticos baseados em relatos hegemônicos perpetua a marginalização da memória indígena e dificulta a construção de uma educação mais inclusiva.

Silva FB (2024) apontam que a Política Nacional de Educação Escolar Indígena (PNEEI) enfrenta desafios estruturais no Maranhão, incluindo a falta de formação de professores para abordar a história e a cultura indígena de maneira adequada. A memória do massacre raramente é tratada em sala de aula sob uma perspectiva indígena, reforçando estigmas que ainda impactam negativamente a autoestima dos alunos e sua relação com a escola. Essa lacuna reflete

a ausência de políticas públicas que efetivamente valorizem as especificidades culturais e históricas desses povos.

De acordo com Souza AE e Cantanhêde LF (2024), a implementação do novo ensino médio no Maranhão e no Piauí revelou a dificuldade de adaptar currículos às realidades locais, especialmente às demandas indígenas. No contexto de Barra do Corda, essa desconexão é evidente, uma vez que o massacre, um evento crucial na história local, é tratado de forma superficial ou sequer mencionado. Isso demonstra como as consultas públicas muitas vezes ignoram as especificidades dos povos indígenas, perpetuando uma educação que não dialoga com suas realidades.

Guedelha MS (1977), em seu estudo sobre o Massacre do Alto Alegre, evidencia como o evento foi marcado por uma narrativa de violência e desumanização dos povos Tenetehara. A memória desse conflito ainda carrega o peso de representações estigmatizantes, que continuam a influenciar a percepção da sociedade em relação aos indígenas. Essa visão se reflete no ambiente escolar, onde a história dos povos originários é frequentemente tratada de forma estereotipada, comprometendo a construção de uma identidade indígena positiva.

Martins L (2019) analisa a territorialidade e a alteridade entre os Tenetehara, destacando como a disputa por terras moldou as relações entre indígenas e não indígenas. Essa dinâmica histórica se perpetua na educação indígena, onde a memória do massacre é negligenciada em favor de narrativas que legitimam a ocupação colonial. O silenciamento da perspectiva indígena no currículo escolar perpetua uma visão unilateral e descontextualizada da história local.

1375

Coelho EMB (2002) ressalta que os conflitos territoriais entre indígenas e brancos no Maranhão foram determinantes para a configuração das relações de poder na região. No caso de Barra do Corda, a ausência de materiais pedagógicos que retratem o massacre sob a ótica indígena reflete a continuidade dessas relações desiguais. Essa lacuna educacional dificulta a compreensão crítica do passado e a construção de uma memória coletiva mais inclusiva.

Cruz OM (1982) explora a figura do cacique rebelde *Cauiré Imana*, enfatizando o papel de lideranças indígenas na resistência contra a opressão colonial. No entanto, essas histórias de liderança e resiliência raramente são destacadas no contexto educacional. A omissão de personagens como Cauiré Imana reforça uma narrativa que desvaloriza a contribuição indígena na formação histórica e cultural da região.

Gomes MP (2002) analisam as nuances da memória tenetehara sobre o massacre, destacando que a história oral é uma ferramenta essencial para resgatar perspectivas

negligenciadas. Eles argumentam que iniciativas como o projeto de pesquisa sobre o massacre, desenvolvido no IFMA de Barra do Corda, são fundamentais para reverter o apagamento histórico. Documentários como *O Massacre do Alto Alegre* (2005), dirigido por Murilo Santos, também desempenham um papel crucial ao apresentar o conflito embora peques pelos apontamentos genéricos e relatos com base em depoimentos majoritariamente de não indígenas, contudo, ainda assim, é um material de referência no contexto educacional.

Essas lacunas configuram-se como obstáculos significativos para a construção de uma educação indígena que valorize as especificidades culturais e históricas dos povos originários. Ao negligenciar a memória do massacre e suas implicações, o sistema educacional perpetua desigualdades e reforça narrativas coloniais que deslegitimam as experiências e perspectivas indígenas. Essa ausência de diálogo impede não apenas o reconhecimento das contribuições dos povos indígenas para a formação histórica da região, mas também compromete a promoção de uma educação crítica e inclusiva.

Além disso, a falta de materiais didáticos que abordem o massacre sob uma ótica indígena limita a possibilidade de empoderar os estudantes em relação à sua própria história e identidade. Como resultado, a memória do conflito é frequentemente filtrada por interpretações externas, que reforçam estigmas e dificultam a criação de um espaço de aprendizado que valorize a interculturalidade e a diversidade. Para superar esse desafio, é essencial desenvolver iniciativas educacionais que incluam narrativas indígenas e promovam um entendimento mais amplo e equilibrado da história. 1376

A inclusão da memória indígena nos currículos escolares pode atuar como uma ferramenta de ressignificação, permitindo que os estudantes compreendam o massacre de maneira mais contextualizada e humanizada. Projetos como o *Role-playing game* (RPG) sobre o conflito de Alto Alegre, desenvolvido no IFMA, são exemplos de como métodos pedagógicos inovadores podem ser utilizados para engajar os alunos e estimular o debate crítico. Essas iniciativas não apenas tornam o aprendizado mais dinâmico, mas também ajudam a combater os preconceitos históricos que ainda afetam as comunidades indígenas. Lima JG e SILVA NS, 2024).

O fortalecimento da educação indígena também exige o compromisso de gestores públicos, professores e pesquisadores em fomentar a produção de materiais pedagógicos que incluam as vozes indígenas. Parcerias entre universidades, instituições de ensino e comunidades locais podem desempenhar um papel crucial nesse processo, garantindo que as histórias sejam

contadas a partir de múltiplas perspectivas e promovendo uma educação mais equitativa e representativa.

Por fim, a memória do massacre de Alto Alegre, embora dolorosa, pode ser transformada em uma ferramenta poderosa para promover a consciência histórica e o respeito pela diversidade cultural. Reconhecer a complexidade desse evento e suas consequências na educação indígena é um passo essencial para construir um sistema educacional mais justo e inclusivo. A valorização das narrativas indígenas, aliada ao compromisso com uma educação intercultural, pode contribuir para a superação dos desafios históricos e a promoção de um futuro mais equitativo para os povos originários.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo objetivou analisar como o legado do Massacre de Alto Alegre continua a influenciar as relações entre brancos e indígenas em Barra do Corda, com destaque para os reflexos no campo educacional. Como visto, a memória do massacre, marcada por interpretações parciais e predominantemente construídas a partir de perspectivas não indígenas, ainda molda percepções e práticas que afetam diretamente a inclusão e valorização das culturas indígenas nas escolas e na sociedade local.

1377

Ao longo do texto, evidenciou-se que a narrativa predominante sobre o conflito reforça estigmas históricos que perpetuam desigualdades, tanto no âmbito das relações sociais quanto na esfera educacional. A ausência de materiais didáticos que contemplam a visão indígena do massacre e a falta de iniciativas que promovam o diálogo intercultural contribuem para a manutenção de uma educação que ainda carece de representatividade e equidade.

No entanto, foi possível observar avanços pontuais, como as ações do IFMA e outros projetos de pesquisa que buscam integrar as vozes indígenas à reconstrução histórica e à produção de conteúdos educativos. Essas iniciativas mostram que é viável ressignificar o legado do massacre por meio de uma educação que valorize a diversidade cultural e promova uma leitura mais crítica e inclusiva da história.

Ainda assim, persistem desafios significativos que demandam a atuação conjunta de gestores públicos, educadores, pesquisadores e comunidades indígenas. O fortalecimento de políticas públicas voltadas para a educação indígena, a formação continuada de professores e a criação de materiais pedagógicos que dialoguem com a realidade e os saberes das comunidades indígenas são medidas urgentes para enfrentar as lacunas identificadas.

Conclui-se que, embora o legado do Massacre de Alto Alegre continue a ser um fator que influencia negativamente as relações entre brancos e indígenas em Barra do Corda, ele também apresenta a possibilidade de servir como um ponto de partida para a construção de um futuro mais inclusivo e plural. A promoção de uma educação intercultural, aliada ao reconhecimento das narrativas indígenas, é essencial para superar os estigmas históricos e avançar na busca por uma sociedade mais justa e igualitária.

REFERÊNCIAS

CANAL DO MURILO SANTOS. O Massacre do Alto Alegre. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ZstTxwdmWoI&ab_channel=PovosInd%C3%A9niasnoBrasil. Acesso em: 22 mar. 2025.

COELHO, EMB. Territórios em Confronto: a dinâmica da disputa pela terra entre índios e brancos no Maranhão. São Paulo: Hucitec, 2002. 349 p.

CRUZ, OM. Cauiré-Imana: O cacique rebelde. Brasília: Thesaurus, 1982. 143 p.

DOCUMENTÁRIO BRASILEIRO. A morte do artista: resistência e subversão. Disponível em: <https://documentariobrasileiro.com.br/catalogo/filme/codigo/1686>. Acesso em: 17 mar. 2025.

FURTADO, MLS et al. Política de educação escolar indígena: uma etnografia nos interstícios sobre a experiência no Maranhão. Revista eletrônica de humanidades do curso de ciências sociais da UNIFAP, 2024; 17(1).

GOMES, MP. O índio na história: o povo Tenetehara em busca da liberdade. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 591-591. 1378

GUEDELHA, MS. Massacre do Alto Alegre: bênção e dor, fé e sangue no sertão maranhense. Monografia (Conclusão de curso de Licenciatura em História) – Universidade Estadual do Maranhão/UEMA, 1977.

LIMA, JGomes; SILVA, NS. Ensino e educação para além da sala de aula: o papel do tripé educacional - ensino, pesquisa e extensão para o público indígena no IFMA - campus Barra do Corda/MA. Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação, 2024; 10(9): 3303-3322.

LOPES, RCS. Capuchin mission and Tentehar resistance: rereadings of the conflict of Alto Alegre. Cadernos de Pesquisa, 2019; 49(172): 158-177.

MADERS, S; BARCELOS, V. Educação escolar indígena e intercultura: Um diálogo possível e necessário. Education Policy Analysis Archives, 2020; 28(167): 167-167.

MARTINS, L. Os filhos de Maíra: territorialidade e alteridade entre os tentehar “da Araribóia”. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – PPGAS, Universidade de Brasília, 2019. 128 f.

MONZA, FB. O massacre de Alto Alegre. Brasília: Senado Federal, 2016. Disponível em: https://livraria.senado.leg.br/o-massacre-de-alto-alegre?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 22 mar. 2025.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BARRA DO CORDA. Plano Municipal de Educação (PME) de Barra do Corda, 2015. Disponível em: <https://barradocorda.ma.gov.br/wp-content/uploads/2023/04/PME-BDC-sacionado.pdf>. Acesso em: 17 mar. 2025.

SILVA, FB et al. Avaliação multiescala da Política Nacional de Educação Escolar Indígena (PNEEI) no contexto do Estado do Maranhão, Brasil. Cuadernos de Educación y Desarrollo, 2024; 6(5):1-23.



SOUZA, DB; PEREIRA, JJ. O massacre de Alto Alegre (1901): nuances da memória tenetehara. *multidebates*, 2023: 7(2): 277-291.

SOUZA, AE; CANTANHÊDE, LF. Contextualização da implementação do novo ensino médio a partir dos estados do Maranhão e Piauí e análise das consultas públicas do MEC e CONSED. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, 2024: 10(6): 1667-1681.

QEDU. Dados da Educação. Unidade Integrada de Educação Escolar Indígena Thaynara da Silva Pompeu. Disponível em: https://qedu.org.br/escola/21279063-unidade-integrada-de-educacao-escolar-indigena-thaynara-da-silva-pompeu?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 22 mar. 2025.